

ALGUNS TERMOS DO LÉXICO DE VILA DA BICA, NO CEARÁ.

ANTÔNIO NUNES MALVEIRA (ABRAFIL E COLÉGIO PEDRO II)

Esta pesquisa, há muito tempo guardada, resolvi trazê-la à tona em homenagem ao nosso inesquecível mestre Professor Leodegário que foi um extraordinário Filólogo. É certo que amou nossa cultura, e, por isso, jamais será esquecido pelas gerações vindouras.

A língua é um veículo de expressão. Em qualquer lugar, ela é fator de unidade nacional. É um fenômeno psicossocial, sociológico, pedagógico, filosófico; enfim, nada se comunica sem o caminho linguístico com suas diferenças morfológicas, fonéticas, e, por isto, decidi publicar este vocabulário, às vezes, bem longe das formas cultas, mas que, através delas, os camponeses se faziam entender, sentindo a beleza do nosso vernáculo, amiúde traduzido em versos. Não foram poucas as vezes que assisti a cantorias, com estas palavras registradas neste artigo, sem a ausência da beleza poética, na Vila da Bica, interior do Ceará.

Com a chegada da televisão, este vocabulário já se perdeu na ampolheta do tempo, pois já se vão 50 anos, e, ainda garoto, quando eu as colhia nas falas dos sertanejos, não entendia seu valor exato. Só os estudos linguísticos levaram-me à sua compreensão

Ei-las aqui.

Atrasado - sem dinheiro.

Arcado – desnorteado.

Merenda - no Elucidário, página 400, não havia a palavra lanche.

Arrochar – obrigar a alguém a confessar o crime. “Dá neste cabra de relho cru”.

Arenga – bate-boca.

Arrasta – forró.

Arriba – acima (temos a forma latina *ad ribam*).

Afobado – que se irrita com facilidade.

Almíscar – odor de um corpo em decomposição.

Aperreado – sem dinheiro.

Arrear – no sentido de enfeitar: meu cavalo tá arreado.

Avexado – apressado.

Alva - branca (a menina está bem branquinha).

Amancebado - quem vivia com mulher sem casar-se.

Alvíssaras – boas-vindas, parabéns.

Almacém - em vez de armazém (árabe al-mahazan, vulgar al-mahazén,

celeiro, segundo Houaiss).
 Arubu - urubu.
 Aceirar - delimitar na mata uma porção de terra, a fim de transformá-la em roçado.
 Aviar – andar rápido.
 Amadurar – amadurecer.
 Arreçar – recear.
 Arromper – romper.
 Assossegar – sossegar.
 Alimpar – limpar.
 Alevantar – levantar.
 Almojada – prenhe (minha cabra tá almojada).
 Adiantado – letrado.
 Adjunto – não se conhecia a palavra mutirão.
 Barrer, por varrer, transformação do latim vulgar, trocando o /b/ e o /v/ (veja-se Vasconcelos; no Vale da Bica, era muito comum essa troca).
 Balseiro – ocorre nas enchentes dos rios, formado por pilha de ramos secos.
 Bautismo – batismo.
 Bichinho – tratamento carinhoso.
 Baitola – veado, pederasta.
 Carenta – quarenta: houve a perda de u, elemento labial, segundo os estudiosos da etimologia.
 Cafuné – ato de coçar lentamente a cabeça de alguém, em sentido de carinho.
 Cafundó – lugar distante.
 Chaleira – adulador.
 Calefar – pôr sutiã (não encontrei origem).
 Coidar – em vez de cuidar.
 Coivara – pequena queima feita pelos agricultores no preparo da terra, antes do inverno.
 Cordão - branco (cavalo cordão).
 Ceitel – paupérrimo, sem dinheiro.
 Cachola – Cabeça dura.
 Calibre bom – pessoa com fisionomia de aspecto jovem.
 Carrancista – apegado ao passado.
 Dixi - perfeito do verbo latino, dico, is, ere, dixi, dictum, forma usada na Vila da Bica (Deco Machado).
 Detreminar, por determinar, troca de posição de fonema (rê).
 Dereito - por direito.
 Drumir - por dormir, troca da posição do fonema à maneira do latim *semper*, sempre.
 Descansar - com referência ao sexo feminino, era usado no sentido de dar a

luz. “Ex.: A muier do compadre Manoel descansou, ontem” “ele é um macho grande de bola roxa”.

Dissimular - esquecer as divergências, perdoar.

Defluxo - por gripe.

Dama - mulher vadia, meretriz.

Feme - por fêmea.

Famia - por família.

Macaxeira - vem do tupi; na Vila tinha também o sentido de pênis. “Fulana “entrou na macaxeira do Jacó e tá buxula”

Era muito usado o ditongo oi:

Toiro, coiro – Pedro Bento, velho fazendeiro do local, usava-os sempre.

Muier era comum. Mas João Beltrão usava molher (ver Leite de Vasconcelos).

Jinela – janela; forma (jinela) usada em algumas regiões de Portugal (ver L. de Vasconcelos, Opúsculo, páginas 71 e 79).

Anrique – Henrique.

Oclos –óculos.

Pruga – pulga.

Sumitério – cemitério.

Prantar – plantar.

Fermosura – formosura.

Boi lavrado - com manchas brancas.

Cavalo pedrez - branco, com pequenas pintas pretas.

Papo com ar de alegância - com ares de sábio.

Olho torto - cego

Marrafa – pente de segurar cabelo entre as mulheres (ver L. de Vasconcelos, Opúsculo, 514 e 539).

Borrega, marrão - ovelha nova, ainda sem parir, ver L. de Vasconcelos, 3.º volume, 574.

Meado – metade do mês (Elucidário Português, 397).

Moço – menino (Elucidário, 408).

Peita - corrupção (470, Elucidário).

Quebrada da serra (Elucidário, 507) - última subida da serra.

Raçam – ração (Elucidário, 517).

Táboa - em vez de tábua (Elucidário, 575).

Relho (Elucidário, ver página, 528) - feito de couro do boi sem curtir – o chamado couro cru, muito usado na confecção de chicote e utilizado para surrar cabra safado, em plena feira, a fim de que todos vissem.

Outras expressões locais

Cabelo de bosta de pombinha – encarapinhado.
 Pano passado – camisa por dentro da calça.
 Correu com a sela – fugiu da luta, da briga.
 Filho de moitas - filho natural.
 Menino enjeitado – abandonado.
 Mão de gengibre – enrugada, encarquilhada.
 O homem está com a gota – valente, nervoso.
 Barriga branca – corno.
 Cara lambida – sem caráter.
 Mais seguro que papagaio na quenga – avarento.
 Cara de chamurro – feições grosseiras, achatadas.
 Barba de bode – cavanhaque à chinesa.
 Meter a língua no saco – calar-se.
 Meter o rabo entre as pernas – ficar sem ação, calado.
 Rabo de tanajura – nádegas grandes.
 Cara de tatu - bixiguenta, pele grossa.
 Fazer um engongrolho – mistura de comida.
 Melancia de beira de estrada – mulher fácil.
 Sem bondade – sem orgulho, simples.
 Boi erado – chifre virado, velho.
 Dá o maior valor – dá muita importância.
 Couro de boi não é santo, mas, às vezes, faz milagre.
 Morreu da tripa – prisão de ventre.
 Da cor de flor de algodão – muito pálido.
 Tremer como vara de marmeleiro – tremer descontroladamente (com medo).
 Bom para segurar costal – homem de pequena estatura.
 Aparado no grosso – homem baixo e entroncado.
 Meado – sem dinheiro.
 Bater a porteira do curral – perder o gado na seca, ou os caprinos no inverno pesado.
 Uma veste branca – vestido branco.
 O tempo está bonito – ameaçando chuva.
 Ela está bem pouquinho – diminuída, velinha, franzina.
 Deus aumente o senhor – no sentido de multiplicar os bens materiais.
 Deus te livre do mau vizinho – expressão muito usada pelos cegos e aleijados, quando recebem esmola.
 Choveu uns poucos dias - “Choveu uns poucos dias, por isso perdi meu mio todinho, compadre”.
 Rapaz – vocábulo muito usado pelo falante na conversação diária, muitas

vezes, referindo-se a pessoas de idade variada, e não, estritamente, aos jovens.

Meu nego - expressão afetiva - “Meu nego, faça isso pra eu”. Tanto no masculino como no feminino.

Empregavam muito o verbo possuir, no sentido de ter. Possuir um cavalo, uma fazenda, um cercado. Eram comuns exemplos como estes: ele possui muito dinheiro; ele possui uma boa fazenda, bons amigos, etc.

Ninguém dizia: ele já teve bons cavalos, mas, sim, ele já possuiu bons cavalos. Na região o verbo ter, no pretérito perfeito, tinha o sentido de partir - “A muiê de cumpadre Zé teve um fio home que é um apaideguado”. Jamais uma mulher dizia: Tive um gato mimoso, porém – possuí um gato mimoso.

Passarinho que canta muito, suja no ninho.

Tocar trombone – a mãe que se sentava ao lado da filha, enquanto o namorado estava presente.

Voz de seriema – voz fina.

Mulher de pacote – menstruada.

Voz de taboca – fanhoso.

Pai de chiqueiro – homem mulherengo.

Rapaz velho – solteirão.

Moça velha – solteirona.

Pé de rabo – mulher das traseiras grandes.

Filho de uma égua – filho de rameira.

Alisa branco – rapaz que prolonga o namoro, sem casar-se.

Enganchar o rabo na cerca – deixar dominar-se.

Ela está sempre forte – gorda, nutrida.

Não carece - não precisa.

Faço demais – de boa vontade.

Não tirar leite com espuma – não conseguir enganar, enganador.

Fez ouvidos de mercador – desentendido.

Ela é moça – virgem.

Pé desmentido – torcido, trilhado, com luxação.

Uma arriada de chuva – chuva passageira.

Saudações de lagartixa – balanço com a cabeça.

Padrinho e madrinha – era como os netos chamavam os avós, obrigatoriamente, e tomando a bênção.

Minha casa está aviada – nada falta (comida).

De jeito maneira – de modo algum.

Ele e mais eu - “Só ele e mais eu sabia”.

Cheirar – no sentido carinhoso - “Cheirar a criança” – beijar.

“Ele deu um cheiro no cangote da namorada; que falta de vergonha, compadre”.

Crítica – menosprezo.

Conclusão

A pesquisa dialetológica no Brasil precisa ser reiniciada, com auxílio das grandes universidades. Desde os primeiros trabalhos de Antenor Nascentes (1957), que afirmava: “O Brasil é constituído por uma rede dialetal, onde há unidade na diversidade e diversidade na unidade”, continuando com Nélson Rossi, para apenas citar alguns estudiosos, a falta de pesquisadores e de recursos deixa uma lacuna nos estudos linguísticos do português do Brasil. Por isso nossa preocupação em transmitir alguns dados coletados no interior do Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VASCONCELOS, LEITE, Volume 1 – *Filologia*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 1928

Foram consultados, ainda, os seguintes volumes do grande filólogo português:

Volume 2 – *Dialectologia*, 1928; volume 3 – *Onomatologia*, 1931; volume 4 – *Filologia*, 1929; volume 5 – *Dialectologia*, 1935; volume 6 – *Dialectologia*, 1935; volume 7 – *Etnologia*, 1935; volume 8 – *Onomatologia*, continuação do volume 3, 1931; volume 9 – *Tradições Populares de Portugal*, Casa Nacional da Moeda, 1986; volume 10 – *Filologia*, Barranquenha, Imprensa Nacional de Lisboa, 1955.

VITERBO. *Elucidário das palavras, termos e frases*. 3 edição crítica baseada nos manuscritos, 1965.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1986.